

**VILLIERS DE L'ISLE-ADAM E O MOVIMENTO SIMBOLISTA:  
VIDA, OBRA E INFLUÊNCIAS<sup>1</sup>**

*Villiers de l'Isle-Adam and the Symbolist Movement: Life, Works, and Influences*

**Norma Domingos<sup>2</sup>**

[norma.domingos@unesp.br](mailto:norma.domingos@unesp.br)

<https://orcid.org/0000-0003-0335-4384>

**Resumo:** Villiers de l'Isle-Adam é um dos grandes artesãos do estilo da literatura francesa do século XIX e, a despeito de algumas características individuais e particulares, compartilha com autores de sua época o mesmo desgosto e fúria para com o Positivismo e o mercantilismo, assim como o mesmo amor pela Arte e o desgosto para com a literatura industrial. A partir de análises das obras representativas do autor francês, este artigo tem o objetivo de apontar sua influência junto aos jovens autores, na aurora do Movimento Simbolista na França. Da mesma maneira, o artigo destaca a participação de grandes artistas em sua formação, entre os quais Edgar Allan Poe, Baudelaire e Richard Wagner. O idealismo literário simbolista teve muitas outras fontes além da villieriana, mas a ação de Villiers foi decisiva: a partir de suas árduas discussões e intervenções, Hegel e Schopenhauer puderam ser interpretados à luz das teorias do autor. A participação do autor na constituição do idealismo simbolista é primordial, pois suas ideias ocultistas, mescladas da filosofia alemã, foram determinantes na formação da postura, até certo ponto, ilusionista, dos simbolistas para os quais o mundo não se limitava aos elementos visíveis e materiais.

**Palavras-chave:** Villiers de l'Isle-Adam. Simbolismo. Século XIX. Literatura francesa.

**Résumé:** Villiers de l'Isle-Adam est l'un des grands artisans du style de la littérature française au XIX<sup>ème</sup> siècle et, malgré certaines caractéristiques individuelles et particulières, il partage avec des auteurs de son temps le même dégoût et la même fureur envers le positivisme et le mercantilisme, ainsi que le même amour pour l'art et le même dégoût pour la littérature industrielle. À partir d'analyses des œuvres représentatives de l'auteur français, cet article vise à souligner son influence auprès des jeunes auteurs, à l'aube du mouvement symboliste en France. De même, l'article met en lumière la participation de grands artistes à sa formation, parmi lesquels Edgar Allan Poe, Baudelaire et Richard Wagner. L'idéalisme littéraire symboliste a eu d'autres sources que celles de l'oeuvre villierienne, mais l'action de Villiers a été décisive: à partir de ses discussions ardues et de ses interventions, Hegel et Schopenhauer ont pu être interprétés à la lumière des théories de l'auteur. La participation de l'auteur à la constitution de l'idéalisme symboliste est primordiale, puisque ses idées occultistes, mêlées à la philosophie allemande, ont été décisives dans la formation de la posture, en quelque sorte illusionniste, des symbolistes pour qui le monde ne se limitait pas aux éléments visibles et matériels.

**Mots-clés:** Villiers de l'Isle-Adam. Symbolisme. XIX<sup>ème</sup> siècle. Littérature française.

<sup>1</sup> As reflexões aqui apresentadas integram a Dissertação de Mestrado e Tese de Doutorado da articulista.

<sup>2</sup> Professora Doutora Assistente do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP).

## Introdução

Jean-Marie-Mathias, conde de Villiers de l'Isle-Adam (1839-1889), nascido em Saint Brieuç em uma família de antiga nobreza, é um autor francês de importância capital. Cento e trinta anos após sua morte, seus textos permanecem, ainda, para os leitores de língua portuguesa, na obscuridade. Primeiro, porque poucas obras do autor foram traduzidas para o português e, segundo, porque sua escritura é, de certa forma, de difícil cerceamento. O autor de *Axël*, *L'Ève future* e *Contes cruels* compôs suas obras numa tessitura de drama, cômico e trágico e, nelas, os sentidos abundam: são, de fato, ricas em nuances e em significações múltiplas. Essas três grandes obras por meio das quais o autor é sempre lembrado e reverenciado sintetizam as preocupações maiores de Villiers de l'Isle-Adam, ou seja, sua sátira do Positivismo triunfante, sua teoria metafísica e sua aspiração pelo Ideal.

Durante muito tempo desconhecido, Villiers é, há algumas décadas, sobretudo na França, objeto de muitas pesquisas e trabalhos que o apontam como um dos grandes escritores do século XIX. Saudado por Stéphane Mallarmé, J.-K. Huysmans e Paul Valéry, entre outros, ele exerceu certa influência sobre seus contemporâneos principalmente por sua personalidade ou, se preferirmos, por sua imagem de aristocrata miserável em Paris e de grande *causeur*. Inventor de magníficas quimeras e crítico feroz do Positivismo, o autor de *Contes cruels* (1883) abomina o burguês cujos valores repousam sobre o lucro e o progresso.

É a partir de *Claire Lenoir*, uma das mais belas histórias compostas pelo autor, que podemos entender o conflito que atravessa toda sua obra. Tribulad Bonhomet, homem de ciência e arauto do *Bon Sens*, depara-se frente ao desconhecido: sarcasticamente, vemos, de um lado, o saber positivista, que se limita à superfície das coisas e, de outro, o conhecimento autêntico, de que as investigações e cálculos estreitos da ciência de tempos pretensamente iluminados não conseguem dar conta. Essa personagem arquetípica de seu século é, sem dúvida, sua caricatura mais vingativa e ao mesmo tempo mais trágica. Não é por menos, aliás, que André Breton (1966) coloca, em sua antologia do humor negro, entre tantos representantes – Swift, Baudelaire, Poe, por exemplo –, Villiers de l'Isle-Adam e seu “*tueur de cygnes*”.

Não nos espantamos, então, em ver, também, representadas em sua obra *Contes cruels* a ignorância e cegueira de homens de ciência grotescos como M. Grave de “*L’Affichage céleste*” e Bathybius Bottom de “*La Machine à Gloire*”. Da mesma maneira, em *L’Ève future*, um de seus incontestáveis *chef-d’œuvre*, na esplêndida figura de Edison, o

## Villiers De L'isle-Adam e o Movimento Simbolista:

### Vida, Obra e Influências

inventor do fonógrafo, a ciência é, mais uma vez, interrogada. A androide Hadaly, representação da mulher ideal, possui uma alma que escapa ao controle e ao saber de seu criador, esse mago moderno: de fato, Edison, mestre dos sons, se vê confrontado com o silêncio, última palavra desse romance inquietante: "[...] levantou a seguir o olhar para as velhas esferas luminosas que ardiam, impassíveis, entre as pesadas nuvens e sulcavam, no infinito, o inconcebível mistério dos céus. Estremeceu – talvez de frio – em silêncio.”<sup>3</sup> (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 2001, p. 373).

Villiers é um dos grandes artesãos do estilo da literatura francesa do século XIX e, a despeito de algumas características individuais e particulares, compartilha com autores de sua época – Joris-Karl Huysmans, Barbey d'Aurevilly, Leon Bloy, entre outros – o mesmo desgosto e fúria para com o Positivismo e o mercantilismo. Com efeito, ele tem em comum com alguns homens de letras de seu tempo um desprezo pelos valores da sociedade moderna e o desejo de execrá-los, assim como o mesmo amor pela Arte e o desgosto para com a literatura industrial.

De fato, assombrado pelo espírito burguês do século, sua escritura revela um autor sempre em busca do Ideal: nela unem-se o poeta, o ironista e o filósofo idealista. Villiers almeja um estilo totalmente afastado da banalidade cotidiana e ultrapassa os limites de seu tempo e, diante do profundo mal-estar que sua época suscita, é na Arte que o autor busca refúgio. Pela escritura, afasta-se da mediocridade do mundo e consegue exprimir um misto de revolta, reação, rebelião e, também, esperança, expressa em sua crença no “*Au-delà*” e na salvação pelo Ideal.

A metafísica villieriana tem, fundamentalmente, duas dimensões: primeiramente, como apreendemos em “*Véra*” (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t.I, p. 560, tradução nossa.), “[...] as Ideias são seres vivos!...”<sup>4</sup>, caução filosófica extraída da filosofia de Hegel e da qual Villiers se diz grande conhecedor; ou seja, as ideias são mais reais que a matéria e as ilusões permitem a criação dos seres pela força do espírito. Segunda dimensão da metafísica do autor, desse espírito são dotados apenas os seres que possuem qualidades que ultrapassam as da ciência positivista e que só as personagens eleitas por Villiers (VOISIN-FOUGÈRE, 1996) definitivamente possuem.

Um autor instigante, cuja imagem pública esteve, durante toda sua vida e, principalmente, nos anos que antecederam sua morte, sob o crivo de dois julgamentos

<sup>3</sup> “[...] *puis son regard s'étant levé, enfin, vers les vieilles sphères lumineuses qui brûlaient, impassibles, entre les lourds nuages et sillonnaient, à l'infini, l'incontestable mystère des cieux, il frissonna, – de froid, sans doute, – en silence.*” (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t. I, p. 1017).

<sup>4</sup> “[...] *les Idées sont des êtres vivants!...*” (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t.I, p. 560).

contrários. Para alguns, ele encarna a figura de um infeliz, um gênio desorientado e incompleto, enfim, “*un fou très intéressant*” (HEREDIA, *apud* NOIRAY, 1999, p. 7). Para muitos, ao contrário, ele representa a figura do escritor maldito, do poeta mal compreendido e recusado pela sociedade de seu tempo: o poeta absoluto de Verlaine (1972) e o príncipe intelectual de Mallarmé (2003).

A vida de Villiers de l’Isle-Adam mescla-se de lendas, mitos e sonhos, os quais se tornam difíceis de discernir entre a parte da realidade e aquela cuja componente principal seria a imaginação do autor: quimeras de um poeta simbolista que contribuirão para a obtenção de uma certa glória e para sua fama de gênio não reconhecido, de “*clown de talent*” e de “*grand causeur*”. Sua existência é rica em incidentes e aventuras marcantes e o próprio Villiers tratará de alimentar as lendas que se constituíram a seu redor, o que denota o espírito de um homem que se recusava a integrar-se em seu tempo.

Cheios de gravidade, seus textos se mesclam também de ironia mordaz, zombaria e humor. Em especial, em alguns contos da obra *Contes cruels*, ele faz uso de uma sátira exacerbada para condenar os hábitos modernos. Sua obra reúne ainda características de grandes gênios: a ironia de Swift ou Rabelais, a escritura fantástica de E.T.A Hoffmann, o gosto pelo grotesco e satânico de Charles Baudelaire, a lógica de Edgar Allan Poe e a música de Richard Wagner.

Villiers de l’Isle-Adam foi o grande responsável pela difusão de Charles Baudelaire, Edgar Allan Poe e Richard Wagner junto aos jovens simbolistas, na França. As ideias e procedimentos estilísticos desses artistas foram integrados ao espírito novo que se formava graças ao reconhecimento e à admiração que Villiers lhes dedicava. Ao ser um dos maiores representantes na França de Poe – via Baudelaire – e do próprio Baudelaire, Villiers, mesmo sem muito se ater às discussões estéticas, mostra o caminho por esses poetas assinalado, e apresenta em suas obras essa nova linguagem elaborada, condensada, que se encontra associada ainda à sua genialidade imaginativa.

O autor almejava um estilo que se diferenciava da linguagem cotidiana e que nada tinha em comum com a linguagem empregada pelos poetas de sucesso da época. Da mesma forma que para os simbolistas, seu discurso tende ao precioso, ele emprega arcaísmos, abomina clichês e lugares comuns e pratica um estilo com uma musicalidade particular. A linguagem de um poeta demiurgo, como ressalta, mais uma vez, a propósito de *Contes cruels*, seu amigo Mallarmé: “Você colocou nessa obra uma soma de Beleza, extraordinária. Verdadeiramente, a língua de um deus em tudo! Muitas das novelas são de uma poesia

## Villiers De L'isle-Adam e o Movimento Simbolista:

### Vida, Obra e Influências

admirável e que ninguém atingirá: todas, surpreendentes.”<sup>5</sup> (MALLARMÉ, apud BOLLERY, 1962, t.II, p. 41, tradução nossa).

Villiers de l'Isle-Adam exerceu uma grande influência nas teorias simbolistas da linguagem e do estilo, visto que é considerado um dos grandes mestres da língua francesa e um dos inovadores maiores no que concerne ao estilo. No entanto, pode-se facilmente compreender a ausência do empréstimo direto de procedimentos de estilo de Villiers, visando princípios de renovação, por parte dos jovens poetas simbolistas, pois ele era sobretudo prosador e os problemas que se colocavam a Villiers não eram os mesmos dos jovens poetas ávidos por uma revolução estética. Uma das heranças maiores legadas pelo autor diz respeito a suas ideias sobre a necessidade de distinguir entre o uso poético da língua e seu uso prático: um verdadeiro culto à palavra que insistia na força do discurso oral. Muitos são os poetas e teóricos que louvaram seu idealismo verbal, que se aproxima do poder divino atribuído à palavra por Edgar Allan Poe.

Villiers de l'Isle-Adam (1838-1889), considerado, por muitos teóricos e entre os próprios poetas de seu tempo, precursor do movimento simbolista, dedicou-se à prosa e apresenta-nos um universo simbólico riquíssimo em suas narrativas. Seus contos foram frequentemente qualificados pela crítica contemporânea como poemas em prosa e é de certo modo sob sua influência que os teóricos do Simbolismo sonharam criar uma nova linguagem poética que, por meio da musicalidade das palavras, fosse capaz de emocionar e sugerir (BERNARD, 1959). Wagneriano apaixonado, Villiers impõe a musicalidade em sua obra e apresenta-nos frases repletas de encadeamento sonoro de ritmos e de sílabas: de fato, seu texto é repleto de sonoridade e sutilezas.

Sua obra é rica de nuances, e Citron (1980), ao definir o autor, ressalta que, como contista, ele nunca procura ser um transcritor, mas inventor e que é nesse aspecto que ele é simbolista, pois atrás do que diz encontra-se sempre outro sentido. Seu discurso irônico representa uma dificuldade adicional à compreensão total de seu texto, pois ele se constrói por meio de recursos tais como a antífrase, a antonímia, a polifonia. Segundo Voisin-Fougère (1996), Villiers escolheu o louvor irônico como arma e cabe ao leitor decodificar seus sentidos. Com efeito, uma das estratégias que rege sua obra *Contes cruels* é a ambiguidade resultante da coloração fantástica que a coletânea possui, bem como das características próprias à escritura e à estética do autor.

---

<sup>5</sup> “[...] *Tu as mis en cette œuvre une somme de Beauté, extraordinaire. La langue vraiment d'un dieu partout! Plusieurs des nouvelles sont d'une poésie inouïe et que personne n'atteindra: toutes, étonnantes.*” (MALLARMÉ, apud BOLLERY, 1962, t.II, p. 41).

Quase quarenta anos após o início do movimento romântico na França, Villiers exprime em sua obra o horror que tem a todo o materialismo do século e parte em busca do Eterno e do Ideal, fato que levou alguns críticos a denominá-lo “[...] o exorcista do real e o porteiro do ideal”<sup>6</sup> (MICHAUD, 1966, p. 84, tradução nossa). Em sua busca pelo Ideal misturam-se inquietações existenciais e anseios de uma produção literária criadora. Com um discurso concentrado em sua composição, em que cada palavra é escolhida de acordo com sua intenção, Villiers caminha em direção a uma forma de expressão literária cheia de sensações e emoções individuais, e contribuirá dessa maneira para o desenvolvimento do Simbolismo na França.

### Desenvolvimento

Filho único do marquês Joseph-Toussaint e de Marie-Françoise Le Nepvou de Carfort, Jean-Marie-Mathias-Philippe-Auguste, conde de Villiers de l’Isle-Adam, nasceu em Saint-Brieuc, França, em 07 de novembro de 1838. Em 1846, é pronunciada a separação de bens que sua mãe, diante das extravagâncias financeiras do marquês, pedira em 1843. A partir dessa data, a família passa a viver às custas da Senhorita Kérinou, tia-avó de Villiers, que posteriormente financiará alguns de seus projetos literários. Até 1855, Villiers faz seus estudos como aluno interno e externo e, também, com preceptores eclesiásticos, em diferentes estabelecimentos de Saint-Brieuc, Tréguier, Rennes, Laval e Vannes, sem contudo, chegar ao “*baccalauréat*”<sup>7</sup>. Entre 1855 e 1858, é conduzido várias vezes pela família a Paris onde frequenta teatros, cafés e sonha tornar-se autor dramático. É em 1859 que a família se instala definitivamente na capital e que Villiers se introduz nos meios literários. Conhece então Baudelaire e publica artigos em pequenas revistas (RAITT et al., 1986, t. I).

Suas *Premières poésies*, publicadas em 1859, passaram despercebidas, mas *Isis*, editada em 1862 pelo próprio autor, apontava já para um grande escritor. Contudo, ao invés de terminar *Isis*, ele funda a *Revue des Lettres et des Arts*, que dura apenas alguns meses. Em 1865 e 1866 são publicados os dramas *Elën* e *Morgane*. A vida de Villiers é muito obscura entre 1870 e 1880, ele é raramente visto pelos amigos e sua atividade literária reduz-se muito. Nesse período publica, esparsos em diversas revistas, apenas alguns contos.

---

<sup>6</sup> “[...] *l’exorciste du réel et le portier de l’idéal.*” (MICHAUD, 1966, p.84).

<sup>7</sup> Segundo o dicionário Hachette, trata-se do exame que atribui, na França, o primeiro grau universitário ao término do Ensino médio. (FOUQUET, 1999).

## Villiers De L'isle-Adam e o Movimento Simbolista:

### Vida, Obra e Influências

Com efeito, a produção literária de Villiers de l'Isle-Adam, sobretudo no que diz respeito aos contos, cresceu de forma tocante após 1880. Antes de 1870, ele publicara quatro contos; de 1871 a 1875, oito; de 1876 a 1880, nove; de 1881 a 1885, vinte e sete, e de 1886 até sua morte, trinta e nove. Além disso, em seus dez últimos anos de vida, numerosos contos foram reeditados. Esses contos formaram cinco volumes publicados a partir de 1880 e um sexto após sua morte. É também um período no qual termina e apresenta obras longas como *Le Nouveau Monde* (1880), duas versões inacabadas de *L'Ève Future*, sob o título de *Ève Nouvelle*, *Akëdysséiril* em 1886, a versão definitiva de *L'Ève Future*, no mesmo ano, e *Axël* que, após a publicação na revista *Jeune France* em 1885 e 1886, estava em provas para edição quando Villiers morreu em 1889. (RAITT et al., 1986, t.I).

O sucesso de sua produção literária nesse período se deve ao novo espírito que se instaurava na época, o qual revelava um cansaço do público para com o que lhe ofereciam os realistas e os naturalistas, bem como um certo descontentamento para com a banalidade presente nas formas dos romances populares. Também, a edição de *Le Nouveau Monde* e o grande sucesso de venda dos *Contes cruels* publicados em 1883 proporcionaram um interesse excepcional por seu nome. Com efeito, a extensão da coletânea permitiu que os talentos de Villiers se apresentassem de forma clara ao público que o colocou, enfim, em seu merecido lugar. Sua obra *Claire Lenoir* e os contos “*L'Intersigne*” e “*Véra*” recolhidos em *Contes cruels* consagraram-no também como um dos renomados autores franceses de histórias fantásticas da segunda metade do século XIX.

Assombrado pela miséria da condição relativa do homem de sua época, cuja base era sobretudo materialista, Villiers parte em busca do Absoluto e do Eterno e é, como nos afirma Michaud (1966), um poeta fora de seu tempo, um inadaptado. O século XIX – século do progresso –, no qual o Positivismo triunfa, representa, para poetas como Villiers, uma época voraz na qual não há lugar para a inovação da linguagem poética, que se confronta com os valores precisos do Naturalismo, da ciência, do progresso, do dinheiro. As mudanças incessantes resultantes dos avanços científicos instauram um espírito de imediatismo que atinge valores até então inabaláveis. Villiers de l'Isle-Adam levanta-se contra esse novo espírito que privilegia o mediano e o banal da existência humana e sua obra retrata o desejo de representar, de forma total e permanente, tudo o que deveria ser essencial à existência humana (GRÜNEWALD, 2001).

Da mesma maneira, o esoterismo, característico do final do século, busca na poesia o refúgio para as almas em conflito, a poesia torna-se religião esotérica acessível somente aos

iniciados. Aparecem então, na aurora do Simbolismo, autores que conjugam literatura e magia, catolicismo e esoterismo. A nova escritura que surge quer criar uma linguagem poética distinta da linguagem corrente, tanto pela sintaxe quanto pelo vocabulário, com o uso de arcaísmos e neologismos. Essa linguagem tem o intuito de afastar o poeta do mundo real e, no exílio, ele procura encontrar uma existência verdadeira e essencial. Villiers de l'Isle-Adam parte em busca do Absoluto e quer pela escritura alcançar esse Ideal. Conduzido pelo sonho e pelo Ideal, em eterno conflito com a realidade do mundo que o cerca, Villiers buscará, desde sua juventude, na poesia, na imaginação e no sonho a solução para suas angústias.

Verlaine (1972, p. 637, tradução nossa) insere Villiers entre os poetas malditos que são, para ele, “absolutos pela imaginação, absolutos na expressão como os *Reys Netos* dos melhores séculos”<sup>82</sup>. O poeta particulariza essa classificação, lembrando o não reconhecimento de glória que lhe devia seu século, época que, entretanto, deveria reverenciá-lo. Ele não figura na primeira edição de *Poètes Maudits* em 1884, contudo Verlaine lhe consagrou um número na revista *Hommes d'Aujourd'hui* e um estudo na segunda edição de *Poètes Maudits*, publicada em 1888. Mas, é, sem dúvida, Mallarmé que tratará de fazer compreender a seus contemporâneos a genialidade de Villiers, sempre destacando o papel de homem excepcional e o caráter sem igual de sua obra.

Villiers de l'Isle-Adam é reconhecido, desde a época do Simbolismo, como um dos formadores do movimento e, pela crítica recente, considerado seu precursor por sua filosofia, seu estilo, sua obsessão pelo “*Au-delà*”, suas críticas contra a sociedade de seu tempo e seu idealismo cristão. Villiers não é, de fato, um dos inventores da estética simbolista, sua influência ocorreu em outros domínios. Inspirou os jovens do movimento por suas escolhas literárias, seus mestres, sua postura diante da vida e suas angústias. No plano estético, mostrou-se importante no que tange à relevância que atribuía às relações entre a música e a poesia e, no ideológico, sobretudo ao que concerne à metafísica simbolista.

É, com efeito, inegável que teve um papel de disseminador das ideias na aurora do movimento. A dificuldade em definir seu papel deve-se, principalmente, à situação de Villiers no mundo literário no qual nascia o Simbolismo. Em 1880, suas obras da juventude, cujas pequenas tiragens foram financiadas pelo próprio autor, encontravam-se esgotadas, e o autor havia até então publicado poucas coisas, o que impedia que seu talento literário fosse reconhecido.

---

<sup>8</sup> “*Absolus par l'imagination, absolus dans l'expression, absolus comme les Reys Netos des meilleurs siècles.*” (VERLAINE, 1972, p. 637).



## Villiers De L'isle-Adam e o Movimento Simbolista:

### Vida, Obra e Influências

Entre 1871 e 1880, a atenção do público volta-se para ele e constitui-se, assim, em torno de seu nome, uma lenda. Com a intenção de impedir a encenação do drama *Perrinet Leclerc*, no qual um de seus ancestrais tinha um papel de traidor, Villiers conduz um processo judicial contra os autores da peça e reúne uma vasta documentação. Compõe, assim, três obras cujo tema concerne a sua família: *Histoire du Maréchal de Villiers de l'Isle-Adam racontée par les Historiens*, *Documents sur les Règnes de Charles VI et Charles VII* e *Histoire de la maison de Villiers de l'Isle-Adam* (RAITT, 1986).

Tal lenda é importante para a reputação que se construiu a seu respeito e, a despeito de ser enganosa, contribuirá para a formação de uma certa glória e para sua fama de gênio não reconhecido. Essa lenda favorece-se ainda de suas habilidades de “*causeur*”.

São seus talentos de “*grand causeur*”, ou seja, seu talento oratório, que determinarão muitas das influências que exerceu entre os jovens poetas de seu tempo. Tal renome é considerável no momento em que suas obras são raras e que passa a ser reconhecido mais como “*causeur*” do que escritor. Assim, é importante ressaltar que sua influência no movimento se deve tanto pela conversação e contatos pessoais diretos, quanto por suas obras.

Ele construía monólogos e passava, facilmente, de contos improvisados a reflexões metafísicas, de comentários densos sobre os homens de seu tempo a obras que se propunha a escrever ou de estranhas fantasias a sonhos de um futuro esplêndido. Sabe-se que muitos de seus contos foram criados e recitados, diante de uma plateia, em um café, antes de assumirem uma forma escrita, e que outros se perderam porque não receberam uma elaboração definitiva. Villiers tinha o hábito também de ler seus manuscritos e apresentou-se várias vezes em conferências de leitura, onde seu talento de leitor também foi valorizado. O fato é que seus dons de “*causeur*” constituem um aspecto importante para seu reconhecimento e, sem suas intervenções pessoais, com suas obras escritas apenas, ele não teria ocupado o lugar de um dos grandes mestres da geração simbolista.

Raitt (1986) ressalta que é em 1884, quando Villiers é colocado, ao lado de Barbey d'Aurevilly, Verlaine, Corbière, Bertrand, Mallarmé, Poe, como um dos autores preferidos de des Esseintes, célebre personagem de *À rebours* de J.-K Huysmans, que seu reconhecimento se efetiva. Para des Esseintes, muitas vezes, em função de seu estado de espírito,

[...] toda literatura parecia-lhe enfadonha [...]. Então, ele se debruçava em Villiers de l'Isle-Adam, na obra esparsa do qual ele notava observações ainda sediciosas, vibrações ainda espasmódicas, mas que não lançavam mais, à exceção de sua Claire Lenoir, ao menos, tão inquietante terror.<sup>9</sup> (HUYSMANS, 1978, p. 216-217, tradução nossa).

<sup>9</sup> “[...] toute littérature lui semblait fade [...]. Alors, il s'adressait à Villiers de l'Isle-Adam, dans l'oeuvre eparse duquel il notait des observations encore séditieuses, des vibrations encore spasmodiques, mais qui ne

Em Villiers, para a personagem de *À rebours* de Huysmans (1978), existia também um lado de humor negro, de zombaria feroz, de escárnio, um cômico lúgubre, tal qual o de Swift. Todo o lixo das ideias utilitárias de seu tempo era glorificado por sua pungente ironia. De fato, os gostos literários de des Esseintes contribuíram para a orientação estética dos decadentes e de alguns jovens mestres do Parnaso, como Paul Verlaine, por exemplo, e conseqüentemente, serão de grande relevo para a glória de Villiers.

Villiers era conduzido, sobretudo, pelas preocupações de ordem metafísica, diferentemente de Mallarmé cujas preocupações maiores se voltavam para o aprimoramento estético. É por essa razão que suas contribuições são, essencialmente, aquelas que correspondem aos ideais dos simbolistas – influência muito menos direta e aparente que a de seu amigo Mallarmé. Conseqüentemente, ele pouco escreveu ou falou sobre teoria literária e o pouco que produziu está reunido em *Chez les passants*. Assim, vemos que, para ele, “a moral da história é que o verdadeiro sonhador tem outra coisa a fazer do que se perder em vãs tolices sobre a teoria da composição poética, que em todo caso não pode substituir a inspiração”<sup>10</sup> (RAITT, 1986, p.45, tradução nossa).

Essa distância, no que concerne às questões estéticas do Simbolismo, tornava-o independente de qualquer movimento, sendo frequentemente definido, ao mesmo tempo, como parnasiano, romântico e simbolista. Contudo, não se pode esquecer que sua formação é sobretudo romântica, uma vez que foi influenciado desde seus primeiros escritos por Hugo, Chateaubriand, mas também por Flaubert, Poe e, posteriormente, por Baudelaire e Wagner. Entretanto, Villiers compartilhava com os simbolistas muitas de suas posições, como por exemplo, a hostilidade para com a literatura popular do Segundo Império e do início da Terceira República: para ele, o gosto do público estava totalmente corrompido e denotava a pobreza de espírito dos homens do seu século. Assim, acreditava na ideia dos “poetas malditos” para os quais o fracasso de um autor representava, ao contrário, uma prova de seu grande valor. Villiers detestava tudo o que representava o superficial e o sentimental desse tipo de literatura e, para ele, bem como para tantos simbolistas, a arte tinha como objetivo “*faire penser*”, como ilustra a divisa de sua *Revue des Lettres et des Arts*, o essencial era o culto das ideias.

---

*dardaient plus, à l'exception de sa Claire Lenoir, du moins, une si bouleversante horreur.* (HUYSMANS, 1978, p. 216-217).

<sup>10</sup> «[...] *la moralité de l'histoire, c'est que le vrai rêveur a autre chose à faire que de se perdre dans de vains radotages sur la théorie de la composition poétique, qui en tout cas ne peut pas suppléer à l'inspiration.*» (RAITT, 1986, p.45).

## Villiers De L'isle-Adam e o Movimento Simbolista:

### Vida, Obra e Influências

Mesmo que no início de sua carreira Villiers estivesse mais preocupado com a criação estética, ele considerava que o mais relevante era a genialidade. Suas crenças mais profundas ligavam-se à vida eterna, isto é, a sua sede de espiritual, sua busca pelo Ideal. Compartilhava, é verdade, com os simbolistas, a ideia do artista original, daquele que deve buscar o novo, o excepcional; o artista não pode ser apenas conduzido pela inspiração, seu trabalho deve ser determinado também pela razão e pelas ações do intelecto. Mesmo que tais pensamentos representem fidelidade aos ideais de Mallarmé e de muitos simbolistas, Villiers retoma também elementos da estética de Poe e de Baudelaire.

No teatro, suas contribuições, em grande parte produtos de sua admiração pelas peças musicais de Richard Wagner, são inúmeras para o movimento simbolista. Tinha a esperança do estabelecimento do teatro metafísico, ou seja, de cunho filosófico e no qual as ideias contavam mais que as ações. Contudo, o fracasso de *La Revolte* e de *Le Nouveau Monde* fizeram-no refletir sobre a produção de novos dramas, o que, sem dúvida, influenciou na composição de *Axël*: primeiramente concebido para a cena, mas, ao ser concluído, destinado muito mais à leitura.

De fato, é no domínio teatral que Villiers pode ser considerado como um dos fundadores da estética simbolista, visto seu desejo de reformar e de criar algo novo no gênero. Ele quis desenvolver, na França, o drama filosófico, tentativa que não pode ser negligenciada visto que alguns dramaturgos, influenciados pelo autor, passaram a escolher temas árduos e recusavam-se a respeitar as convenções cênicas.

Ao analisarmos o teatro simbolista da década de 1890, a partir das considerações de Balakian (2000), compreendemos claramente o empenho de Villiers no que se refere à arte cênica, visto que os objetivos da nova proposta correspondem a uma síntese de seus anseios. É no gênero em questão que ele poderá melhor expressar seus ideais, pois, o teatro consegue realizar os objetivos simbolistas melhor do que o verso: a ambiguidade do discurso é representada pela relação entre as personagens e os objetos. Da mesma maneira, a interação possível entre luzes, cores e sons permite enfatizar os efeitos e estabelecer correspondências entre o mundo físico e o espiritual.

*Axël* começou a ser concebida quase vinte anos antes de sua encenação em 1894 e uma única versão completa foi publicada pela revista *La Jeune France* em 1885-1886. Antecede dessa forma o movimento simbolista e contém uma estrutura e aspectos filosóficos muito mais ligados ao Romantismo. É simbolista, sobretudo, em função do espírito decadente representado pela personagem Axël, imagem do herói simbolista. Diferentemente de um herói

romântico, que seria impedido de concretizar seu amor pela fatalidade do mundo, o Axël de Villiers, recusa-se a se aventurar no desconhecido quando é convidado por Sara e a incita a realizar uma verdadeira fuga, aquela que não os decepcionará: a morte. Viver é banal, como bem mostra a citação que se tornou quase uma divisa do pensamento villieriano: “Viver? Os criados farão isso por nós.” (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t.II, p. 672, tradução nossa)<sup>11</sup>. Com efeito, o drama representa magnificamente o espírito dos simbolistas e a ideologia do autor porque “a arte de Villiers transforma um caso individual em uma figura universal, ao converter muitas das informações de ‘Axël’ em uma síntese do medo ante o mundo e da rejeição dele pelo poeta simbolista” (BALAKIAN, 2000, p. 102).

Da mesma maneira que Baudelaire marcou todo o movimento poético do final do século XIX, sua influência sobre Villiers foi também grande. Villiers entrou em contato com as obras de Poe e Wagner por meio de Baudelaire. De fato, divulgou Baudelaire junto aos jovens simbolistas, o que levou ao reconhecimento do grande poeta bem como dele próprio. Raitt (1986) observa que, mesmo trabalhando em áreas diferentes – Baudelaire na poesia lírica e na crítica, e Villiers mais especialmente no gênero narrativo e no drama –, a influência do autor foi importante e durável, embora não faça empréstimos diretos ao poeta de *Les fleurs du mal* como o faz das obras de Poe e Wagner.

É, sem dúvida, no uso da ironia que aparece a influência de Baudelaire na obra de Villiers. Ironia baudelairiana que representa muito mais uma atitude perante a vida que propriamente um procedimento literário. Ironia que empregava, ao mesmo tempo, como defesa e vingança contra as angústias resultantes da existência sofrida num mundo com o qual não se identificava.

Apesar de sua formação católica, Villiers vivia o drama de estar dividido entre a fé e a descrença, pois muitas de suas dúvidas não podiam ser resolvidas pela religião cristã. Dessa forma, é bem provável que tenha sido influenciado pelo ceticismo de Baudelaire perante Deus, visto que ele procurava suscitar em seus interlocutores a mesma estupefação que sentira diante do satanismo baudelairiano. Suas blasfêmias hesitantes são um tipo de imitação pálida da revolta baudelairiana.

É importante ressaltar que Baudelaire determinou também o interesse de Villiers pelas questões metafísicas e místicas. Trata-se de uma mística que para os dois representa a fuga do poeta de uma realidade que ele não pode mais suportar. A solução para o sentimento que oprime a alma – o *spleen* – é buscada no sonho, nas viagens, nos paraísos distantes,

---

<sup>11</sup> «Vivre? les serviteurs feront cela pour nous». (VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, 1986, t.II, p. 672).

## Villiers De L'isle-Adam e o Movimento Simbolista:

### Vida, Obra e Influências

exóticos e artificiais, na morte, na arte. Villiers, ao recusar a realidade, parte em busca do Ideal empregando recursos que se aproximam daqueles de Baudelaire; entretanto é o refúgio, a evasão na morte, sobretudo, que parece ser o maior legado de Baudelaire para Villiers e para muitos simbolistas.

Podemos lembrar também que as críticas ao progresso, ao mercantilismo e ao pensamento cartesiano já existiam em Baudelaire. É um ódio feroz contra a sociedade e que reforça o sentimento de não pertencer à mesma espécie que a maior parte dos homens. Assim, ambos são conduzidos ao dandismo, que, na obra de Villiers, se faz presente, sobretudo, na valorização das personagens “eleitas”, normalmente de origem aristocrática. Seu dandismo reflete-se também no caráter misógino da obra de Villiers, pois, ao proclamar o amor ideal, a pobreza da alma feminina burguesa é destacada e a satisfação dos prazeres físicos criticada. Contudo, a pureza feminina está presente na mulher ideal de Villiers, não a do ideal romântico, mas aquela cuja nobreza da alma permite uma ligação suprema.

No que se refere ao amor físico, Villiers apresenta uma concepção particular, influenciada por Baudelaire, visto que ele também insiste no elemento sádico do amor físico. Contudo, Villiers atribui desejos físicos a suas personagens sempre com intenção crítica: a desaprovação mostrando-se clara, quando ele questiona o interesse pelo amor físico em detrimento do amor espiritual.

Assim, muitas são as marcas de Baudelaire presentes na obra de Villiers: não apenas seus princípios literários ou admirações artísticas, mas também as opiniões sobre os homens do seu tempo, suas atitudes perante a vida, até mesmo sua formação espiritual. Essa dívida para com o poeta determinou, decididamente, a opinião dos poetas simbolistas, que elevavam Villiers de l'Isle-Adam ao *status* de mestre, pois foi, principalmente, seu testemunho que lhes permitiu descobrir aspectos de Baudelaire que talvez teriam negligenciado.

Outra presença marcante na obra de Villiers de l'Isle-Adam é a de Edgar Allan Poe, que tinha uma reputação extraordinária junto aos simbolistas graças às recomendações de Baudelaire e de Mallarmé. Para eles, as semelhanças entre Villiers e Poe, no que diz respeito às questões estéticas, permitiam conferir ao primeiro a mesma genialidade do poeta americano. Valéry (1999) também ressalta essa influência ao lembrar que de Villiers a Dostoievski podemos facilmente notar a presença do prodigioso inventor americano que foi profundamente imitado, estudado, explorado, sem ser, contudo, jamais superado.

É interessante destacar que, contrariamente à imagem que Poe tinha na França, ou seja, aquela que privilegia sua argúcia para discutir problemas estéticos, no entender de

Villiers, são sobretudo suas qualidades de contista que mais importavam. Assim, na obra de Villiers,

sob a influência das novelas de Poe, a volúpia quer ser intelectualizada, a concretude da carne se desfaz em decorosas abstrações, os amores humanos tendem à impossibilidade dos amplexos angélicos. A magia, o pseudomisticismo à maneira de *Parsifal* são outras drogas usadas para dar novo sabor ao bem conhecido banquete dos sentidos. (PRAZ, 1996, p. 290).

É em *Claire Lenoir* que Villiers se coloca deliberadamente a imitar Poe. É o momento em que o escritor se encontra maduro e no qual tomará o caminho que deverá seguir, ou seja: Poe o conduz ao exercício do conto e é dele que Villiers extrai a ideia de empregar o medo como um dos principais efeitos para o gênero. Villiers abandona a tradição romântica do gênero e constrói seus contos associando insolitamente o bizarro e o extraordinário, o humor e o medo. Então, *Claire Lenoir* constitui sua maior invenção resultante dessa combinação. A engenhosidade poeana associada ao romantismo frenético de Villiers transforma um conto baseado em um simples adultério em um espetáculo de horror (PRAZ, 1996). Mesmo que Villiers, a partir das influências de Baudelaire, tenha produzido poemas em prosa e se aproximado do gênero em questão, o empréstimo evidente que faz junto a Poe diz respeito à forma: o conto.

Tocado pela originalidade e estranheza de Poe, Villiers o seguirá buscando o novo e o singular. Até então, Villiers empregara temas românticos como a melancolia, a tristeza, a admiração, a agitação e a cólera, ao passo que em *Claire Lenoir*, o efeito procurado é outro, é o do terror (RAITT, 1986). Preocupa-se agora com a evocação do medo, o qual utiliza com o intuito de abalar os leitores e convencê-los da realidade que narra. Na obra de Villiers o tema do medo é trabalhado de forma extraordinária, pois em seu desenvolvimento emprega o aparato científico, grandes considerações filosóficas, movimentos como o Espiritismo e o Magnetismo, entre outros; meios que conduzem o medo a fins metafísicos, filosóficos e literários: ele nunca é usado de forma gratuita.

No que se refere ao humor, Villiers conta com as influências de Baudelaire e também com os escritos humorísticos de Gautier, mas, sem dúvida, seu uso entrelaçado ao terror é herança de Edgar Allan Poe, o que, a partir de *Claire Lenoir* e que culminará em *L'Ève future*, constrói-se em bases que parecem solidamente científicas. No mais, como Poe, ele também se interessa pelo sobrenatural porque este pode nos mostrar o segredo do que se encontra após a morte. Villiers, não é, contudo, um simples plagiador de Poe, pois ele assimila rapidamente os elementos do contista e os emprega a sua maneira.

## Villiers De L'isle-Adam e o Movimento Simbolista:

### Vida, Obra e Influências

Outra influência marcante na obra de Villiers é aquela resultante da música e do pensamento de Richard Wagner. Villiers faz na França o papel de grande precursor da obra do músico alemão por meio de propaganda jornalística, da admiração expressa em suas conversas e, também, de sua interpretação ao piano de inúmeras óperas de Wagner. Suas obras apresentam os resultados dessa grande aproximação. Reproduzindo alguns efeitos tipicamente wagnerianos, ele quis exprimir tudo o que sentia quando em contato com a música. Ao dar às palavras uma força de expressão sonora maior, desenvolve uma técnica que já prefigura a dos simbolistas. É, também, a partir das reflexões sobre a arte de Wagner que advém sua vontade de mudar o teatro no qual, como já dissemos, ele introduz algumas inovações.

Pode-se afirmar, finalmente, que essa admiração pelo músico alemão contribuiu para torná-lo um dos grandes mestres do Simbolismo. Inúmeras das pesquisas futuras, que os jovens poetas simbolistas empreenderão, dizem respeito à construção de suas peças, aos temas, aos sentimentos e à musicalidade de seu estilo, inspirados em Richard Wagner. Com efeito, a sonoridade, o ritmo e a harmonia das peças do compositor permitiram a Villiers estabelecer uma clara aproximação entre música, literatura e poesia.

A obra de Villiers de l'Isle-Adam venceu fronteiras que ultrapassam as influências que exerceu na França e na formação do movimento simbolista. Seria possível estender infinitamente a lista de autores e críticos que, mesmo após a dissipação do Simbolismo, renderam-lhe homenagens ou em sua obra inspiraram-se. Assim, para não citar senão alguns exemplos significativos, além do crédito – anteriormente observado neste estudo – junto aos jovens do movimento simbolista, poderíamos lembrar nomes tais como Paul Claudel, Paul Valéry, André Gide, ou, fora da França, W.B. Yeats, Stefan George e críticos como Arthur Symons e Vittorio Picca. No mais, grandes artistas de sua época foram capazes de ver além do superficial e nele reconheceram um espírito de gênio: Villiers teve o reconhecimento de Baudelaire, Gautier, Flaubert, Hugo, foi amigo íntimo de Mallarmé, Richard Wagner, Verlaine, Huysmans, Remy de Gourmont e Léon Bloy. De fato, teríamos condições de enumerar extensamente admirações, prolongamentos e ecos de sua obra.

Como pudemos notar anteriormente, poderíamos pensar que a influência de Villiers foi passageira e talvez superficial entre os poetas do movimento simbolista, visto que essa ação foi indireta e até mesmo difusa. Contudo, se por outro lado, considerarmos seu gosto e idealismo filosófico, observaremos a unidade que suas ideias e escritos trouxeram ao espírito literário que se formou a partir de 1850. No mais, é certo que o idealismo literário simbolista

teve muitas outras fontes além da villieriana, mas a ação de Villiers foi decisiva graças a sua reputação de metafísico conhecedor e experimentado. De fato, a partir de suas árduas discussões e intervenções, Hegel e Schopenhauer puderam ser interpretados à luz das teorias do autor. A participação do autor na constituição do idealismo simbolista é primordial: suas ideias ocultistas, mescladas da filosofia alemã, foram determinantes na formação da postura, até certo ponto, ilusionista, dos simbolistas para os quais o mundo não se limitava aos elementos visíveis e materiais.

Villiers apresenta em suas obras uma nova linguagem elaborada, condensada e que se encontra associada a sua genialidade imaginativa. Em sua prosa carregada de poesia, estão presentes paralelismos, figuras sonoras e ritmos. Essa nova lírica moderna, representativa de autores como Villiers de l'Isle-Adam, é definida por Friedrich (1978) como obscura, plena de mistérios e dissonâncias. Ela comporta uma linguagem na qual o signo é motivado, polissêmico e carregado de sonoridade, na qual evocação e estranhamento são modos de significação.

Imbuído desse novo conceito, Villiers, inspirado por ou inspirador de des Esseintes, sai do contingente e cria mundos paralelos para conquistar o absoluto. Nesse aspecto, ele é instigador e antecipador da nova linguagem poética que se constituiu a partir de sua época, aquela na qual o poeta se volta para “pensar o pensamento”.

Dessa maneira, *Axël*, *L'Ève future* e *Contes cruels* são redutos, fortalezas, torres de marfim, onde o poeta, na recusa da vida, na sede de absoluto, encerra-se

[...] em seu mundo privado, cultivando fantasias privadas, encorajando manias privadas, preferindo, em última instância, suas quimeras mais absurdas às mais espantosas realidades contemporâneas, e confundindo tais quimeras com realidades. (WILSON, 2004, p. 277-278).

Ao renunciar à experiência do mundo exterior, o autor privilegia a experiência imaginativa e, dessa forma, os heróis de Villiers, como “[aqueles] simbolistas prefeririam renunciar à vida comum a lutar para se abrirem um lugar nela; abandonam suas amantes, preferindo os sonhos.” (WILSON, 2004, p. 260).

Além dessa evasão imaginativa, no autor francês, a ideia da decadência do mundo real está claramente expressa nas críticas que faz à burguesia e à fé cega que ela tem na ciência e no progresso. O título que o poeta escolheu para a coletânea *Contes cruels* convém aos contos visto que a crueldade – não a de sangue como poderia se esperar – está presente em quase sua totalidade. Essa crueldade, é preciso lembrar, às vezes, exprime-se direta e



## Villiers De L'isle-Adam e o Movimento Simbolista:

### Vida, Obra e Influências

claramente; outras, irônica e secretamente. Villiers se quis cruel para retratar a estupidez dos valores e juízos de valores de sua contemporaneidade.

A burguesia e o seu mercantilismo são, então, fortemente criticados ou satirizados. Ciência e progresso, frutos do pensamento cartesiano e mecanicista que fortemente dominou a França desde o século XVII, reforçados, em sua época, pela filosofia de Auguste Comte, o Positivismo, são seus grandes alvos também. Cruel retrato de um mundo que exclui teologia, metafísica e arte e, que não busca senão divertimento, repouso, esquecendo-se do espiritual e do abstrato. Como não ser cruel, quando nossos valores são derrubados, banalizados?

Crueldade amarga, fria, aquela do desespero da inadequação a esse mundo e da idealização de um mundo ideal pela imaginação e pela própria escritura. Villiers se fez cruel ao expressar sua angústia e ao querer suscitá-la – herança satânica baudelairiana, talvez. A ironia torna-se então a arma para exprimir suas críticas e expressar a crueldade.

Villiers almeja o Absoluto, acredita em valores que ultrapassam a mesquinhez da vida presente e a mediocridade da conduta burguesa, privilegia em suas obras o que seria essencial para o homem, algo ideal, espiritual, mas, “sólido”. Dessa maneira, questiona os valores da sociedade burguesa da mesma maneira que Marx e outros filósofos e escritores do seu tempo – aos quais o momento histórico impõe fatos: sobretudo, o materialismo dominante e o Positivismo.

### Considerações finais

As análises empreendidas na obra villieriana, as influências de grandes artistas como Poe, Baudelaire e Wagner foram determinantes para a compreensão de sua escritura e da admiração por parte de muitos autores e dos jovens simbolistas. Além de elucidar a participação determinante de Villiers de l'Isle-Adam no movimento simbolista, permitiram, também, uma apreensão global dos textos de Villiers de l'Isle-Adam que aponta para uma bipartição – ressaltada também por críticos como Raitt (1986), Grünwald (2001), e Giné-Janer (2007) – relativa aos temas e procedimentos estilísticos. De um lado, Villiers de l'Isle-Adam sonhador, de outro, Villiers de l'Isle-Adam zombador. É importante lembrar que esses dois aspectos já tinham sido apontados pelo próprio autor na dedicatória de *L'Ève future*: “Aos sonhadores, Aos zombadores.”<sup>12</sup> (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 2001, p. 49).

---

<sup>12</sup> *Aux rêveurs, Aux railleurs*” (VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 1986, t.I, p. 776).

É imperativo observar, também, que essa divisão pode ser entendida como uma estratégia de análise de seus textos, pois essas antíteses conjugam-se em sua escritura. Do ponto de vista temático, Villiers sonhador é aquele que aborda questões que julga essenciais para a verdadeira existência, tais como a fé, a beleza, a nobreza; Villiers zombador é aquele que, a partir dos valores privilegiados pelos burgueses – ciência e progresso sobretudo –, denuncia todas as mediocridades do mundo contemporâneo. Do ponto de vista estilístico, de um lado, emerge um rico discurso fantástico e poético para ressaltar seu idealismo e, de outro, surge uma escritura carregada de humor e ironia a serviço de suas críticas. Em síntese, entende-se que os discursos fantástico, idealista e irônico do autor fundem-se e convergem para sua prosa poética.

Seus textos fantásticos ilustram o discurso onírico e metafórico do autor. Com uma linguagem que privilegia a sugestão, esses textos são permeados de poesia e de sutil ironia. Dessa forma, Villiers consegue falar de seu projeto de evasão, apresentar seus ideais, e, ao mesmo tempo, exprimir sua crítica aos valores privilegiados pela sociedade burguesa.

Ainda, o autor, ao execrar a incapacidade do burguês moderno em experimentar emoções mais profundas, valoriza a importância da autenticidade e do sentimento puro e nobre no caráter das pessoas. Muitas de suas produções ilustram os ideais do autor e destacam grandes questões existenciais: a impossibilidade de realização amorosa no plano terrestre; a melancolia e infelicidade gerada pela ânsia de riquezas materiais e as trevas daqueles que não têm uma compreensão da verdadeira existência humana. A grande lição villieriana insiste no fato de que é preciso buscar o essencial, o espiritual, ver atrás do aparente.

O aparato científico – terminologia, procedimentos ou experiências –, por sua vez, é explorado para expressar tanto seu fascínio quanto sua repulsa pelo progresso e pela própria ciência. Suas obras nutrem-se das pretensões progressistas e científicas do discurso positivista para lembrar que a ciência não consegue esclarecer tudo. Por exemplo, a invenção burlesca – a claque de “*Machine à la Gloire*” em *Contes cruels* ou Hadaly, a androide de *L’Ève future* – presta-se mais uma vez à feroz crítica ao século das luzes, da ciência, do progresso e das máquinas.

De fato, a rica linguagem poética do autor deixa entrever duas grandes tendências em suas produções: de um lado, obras carregadas de entusiasmo em busca do Ideal, do Absoluto; por outro, uma linguagem poética, sutil, rica em nuances e plena de sarcasmo ferino, verdadeiros instrumentos com os quais Villiers de l’Isle-Adam se voltou contra os valores do seu tempo.

## Villiers De L'isle-Adam e o Movimento Simbolista:

### Vida, Obra e Influências

Villiers de l'Isle-Adam, a exemplo de alguns autores que o precederam, como Nodier, Nerval e Gautier, denuncia em sua obra a mediocridade do mundo moderno e busca construir pela escritura um mundo melhor. No entanto, em sua ânsia pela descoberta da verdadeira essência da condição humana, ele se aproxima dos jovens simbolistas e quer pela escritura e pela arte ser um profeta de seu tempo, um visionário.

#### Referências

BALAKIAN, Anna. **O Simbolismo**. Tradução José Bonifácio A. Caldas. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BERNARD, Suzanne. **Le poème en prose de Baudelaire jusqu'à nos jours**. Paris: Nizet, 1959.

BOLLERY, Joseph (Ed.). **Correspondance générale de Villiers de l'Isle-Adam et documents inédits**. Paris: Mercure de France, 1962. (Tomes I e II).

BRETON, André. **Anthologie de l'humour noir**. Paris: Jean-Jacques Pauvert éditeurs, 1966.

CITRON, Pierre. Introduction, notices et notes. In: VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, Auguste, comte de. **Contes cruels**. Paris: Garnier-Flammarion, 1980.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX**. São Paulo: Duas cidades, 1978.

FOUQUET, Emmanuel (Ed.). **Le dictionnaire hachette encyclopédique illustré**. Paris: Hachette Livre, 1999.

GINÉ-JANER, Marta. **Villiers de l'Isle-Adam: L'amour, le temps, la mort**. Paris: L'Harmattan, 2007.

GRÜNEWALD, Ecila de Azeredo. Villiers, entre o sonho e o escárnio. In: VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, Auguste, conde de. **A Eva Futura**. Tradução Ecila de Azeredo Grünwald. São Paulo: Edusp, 2001. p. 11-40.

HUYSMANS, Joris-Karl. **À Rebours**. Paris: Garnier-Flammarion, 1978.

MALLARMÉ, Stéphane. Villiers de l'Isle-Adam. In: \_\_\_\_\_. **Œuvres complètes**. Ed. présentée, établie et annotée par Bertrand Marchal. Paris: Editions Gallimard, 2003. Tomme II. p. 23-51.

MICHAUD, Guy. **Message poétique du symbolisme**. Paris: Nizet, 1966.

NOIRAY, Jacques. **L'Ève future ou le laboratoire de l'Idéal**. Paris: Editions Bélin, 1999.

PRAZ, Mario. Bizâncio In: \_\_\_\_\_. **A carne, a morte e o diabo na literatura romântica**. Tradução Philadelpho Menezes. Campinas: Ed. Unicamp, 1996. p. 265-379.

RAITT, Alan W. **Villiers de l'Isle-Adam et le mouvement Symboliste**. Paris: J. Corti, 1986.

RAITT, Alan W. et al. (Ed.) Préface, notes, variantes. In: VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, Auguste, comte de. **Œuvres Complètes**. Bibliothèque de la Pléiade. Paris: Éditions Gallimard, 1986.

VALÉRY, Paul. **Variedades**. Tradução Maiza M. de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 1999.

VERLAINE, Paul. **Œuvres Complètes**. Bibliothèque de la Pléiade. Paris: Éditions Gallimard, 1972. p. 635-637; p.678-686.

VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, Auguste, comte de. **Œuvres Complètes**. Bibliothèque de la Pléiade. Paris: Éditions Gallimard, 1986. (Tomes I et II).

VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, Auguste, comte de. **A Eva Futura**. Tradução Ecila de Azeredo Grünwald. São Paulo: Edusp, 2001.

VOISIN-FOUGÈRE, Marie-Ange. **Villiers de l'Isle-Adam: Contes Cruels**. Paris: Éditions Gallimard, 1996. (Foliothèque, 54).

WILSON, Edmund. **O Castelo de Axel: estudo sobre a literatura imaginativa de 1870 a 1930**. Tradução José Paulo Paes. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

*Recebido em março de 2021.*

*Aceito em junho de 2021.*